

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

VICTOR DA SILVA PACHECO DOS SANTOS

**COM GRANDES PODERES VEM GRANDE REPRESENTATIVIDADE: UM
ESTUDO SOBRE O SUPER-HUMANO CONTEMPORÂNEO**

**Jaguarão
2018**

VICTOR DA SILVA PACHECO DOS SANTOS

**COM GRANDES PODERES VEM GRANDE REPRESENTATIVIDADE: UM
ESTUDO SOBRE O SUPER-HUMANO CONTEMPORÂNEO**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Licenciatura em
Letras Português - Espanhol da
Universidade Federal do Pampa, como
requisito parcial para obtenção do Título de
Licenciado em Letras.

Orientadora: Profa Dra. Cátia Rosana Dias
Goulart

**Jaguarão
2018**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais).

S237g Santos, Victor da Silva Pacheco dos

Com grandes poderes vem grande representatividade: um estudo sobre o super-humano contemporâneo/ Victor da Silva Pacheco dos Santos.

47 p.

Trabalho de Conclusão de Curso(Graduação)– Universidade Federal do Pampa, LETRAS – PORTUGUÊS E ESPANHOL, 2018.
"Orientação: Cátia Rosana Dias Goulart".

1. Leitura. 2. Histórias em quadrinhos. I. Título.

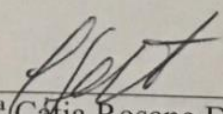
VICTOR DA SILVA PACHECO DOS SANTOS

COM GRANDES PODERES VEM GRANDE REPRESENTATIVIDADE: UM ESTUDO SOBRE O SUPER-HUMANO CONTEMPORÂNEO

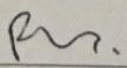
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras - Português e Espanhol e suas respectivas literaturas da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciado em Letras.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 12, dezembro de 2018.

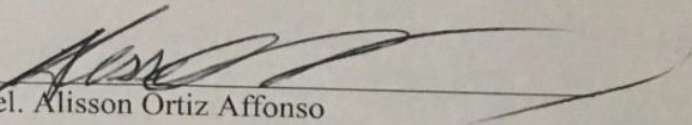
Banca examinadora:



Prof.^a Dr.^a Cássia Rosana Dias Goulart
Orientadora
Unipampa



Prof.^a M.^a Fyama da Silva Medeiros



Bel. Alisson Ortiz Affonso

Dedico este trabalho a Jerry Siegel e Joe Shuster, as pessoas que costuraram a capa.

AGRADECIMENTO

Percebo que diversas pessoas em minha vida possuem um pouco de responsabilidade sobre o presente trabalho. Fico feliz de poder agradecê-las.

Agradeço primeiramente à minha família, especialmente à minha mãe, Fernanda, por me auxiliar nos momentos em que não sabia quais rumos tomaria, e nos que encontrava dificuldades em perceber minhas capacidades.

Agradeço à professora Cátia, que aceitou orientar minha monografia e que, através de sua visão muito experiente com Literatura e pouco com Narrativas Gráficas, contribuiu muito com sua construção.

Agradeço à Sol, à Karoline e à Bianca por compartilharem de minhas alegrias e meus traumas acadêmicos.

Agradeço à professora Renata, que com muita dedicação e paciência orientou o primeiro trabalho que desenvolvi com a leitura de quadrinhos, através do projeto *Seminários Abertos*, e cujos aprendizados que obtive com seu auxílio me foram úteis durante toda a graduação.

Agradeço à Karen, à Karina, ao Kelison e ao Leonardo pelas longas conversas, que me incentivaram a ser alguém mais reflexivo.

Agradeço ao Bruno, ao Diego G., ao Diego V., ao Iago, ao Ralf, à Rafaella, ao Roger e ao Thomáz por todas as madrugadas em que passamos construindo narrativas coletivamente através de rolagens de dados.

Agradeço à Paula por todo o suporte emocional que me proporciona diariamente, mesmo à distância.

Agradeço ao Stan Lee por provavelmente ser o responsável pela minha iniciação nos quadrinhos, e ao Alan Moore por me mostrar que eles eram bem mais do que eu imaginava.

Agradeço ao PET e ao PIBID por meu crescimento enquanto acadêmico e docente.

Agradeço à J.K. Rowling por me fazer amar a leitura.

RESUMO

No presente trabalho, realizo uma leitura comparativa entre as personagens de quadrinhos *Superman*/Clark Kent, criado em 1938 e publicado pela *DC Comics*, e *Ms. Marvel*/Kamala Khan, criada em 2014 e publicada pela *Marvel Comics*. Através dessa leitura, procuro interpretar o que as características desses super-heróis podem representar enquanto mito para a nossa sociedade. Exploro, inicialmente, alguns aspectos da linguagem dos quadrinhos, utilizando como base os estudos de Will Eisner (1989) e Scott McCloud (1995), passando pelo conceito de super-herói enquanto mito, através das reflexões de Umberto Eco (1984) e Grant Morrison (2012), e pela relação entre os super-heróis e as HQs. Após essas temáticas terem sido abordadas, volto meu olhar às personagens em si, tratando sobre alguns traços psicológicos que *Superman* carrega consigo, tendo como base as histórias “Para o homem que tem tudo...” (2013) e *Grandes Astros Superman* (2012), além de comparar sua visão sobre o ser humano com a visão do super-homem imaginado por Friedrich Nietzsche (2016). Em sequência, analiso características da *Ms. Marvel*, mostrando sua construção e evolução enquanto personagem, através da leitura dos encadernados *Nada normal* (2015) e *Últimos dias* (2017), e discorro sobre o papel dos imigrantes para os quadrinhos de super-herói nos Estados Unidos, para enfim, realizar uma reflexão acerca das aproximações e dos distanciamentos entre Kamala e Clark. Essa comparação nos mobiliza a refletir sobre as sociedades que constituíram esses mitos e acerca do papel dessas personagens na contemporaneidade.

Palavras-chave: Quadrinhos. *Superman*. *Ms. Marvel*. Mito. Super-heróis.

RESUMEN

En este trabajo, realizo una lectura comparativa entre los personajes de comics *Superman*/Clark Kent, creado en 1938 y publicado por *DC Comics*, y *Ms. Marvel*/Kamala Khan, creada en 2014 y publicada por *Marvel Comics*. Con esa lectura, busco interpretar lo que las características de esos superhéroes pueden representar como mitos para nuestra sociedad. Inicialmente hablo de algunos aspectos de el lenguaje de los comics, teniendo como base los estudios de Will Eisner (1989) y Scott McCloud (1995), después del concepto de superhéroe como mito, utilizando las reflexiones de Umberto Eco (1984) y Grant Morrison (2012), para en seguida tratar de la relación entre los héroes y los comics. Después que tratase de esas temáticas, vuelvo mi visión a los personajes, tratando de algunos aspectos psicológicos de *Superman*, teniendo como base las historias “Para o homem que tem tudo...” (2013) y *Grandes Astros Superman* (2012), además de comparar su percepción a cerca del ser humano con la del superhombre imaginado por Friedrich Nietzsche (2016). En secuencia, analizo aspectos de *Ms. Marvel*, mostrando su construcción y evolución en cuanto personaje, a través de la lectura de las historias *Nada normal* (2015) y *Últimos días* (2017), y profundizo la discusión sobre el papel de los inmigrantes en los comics de superhéroes en Estados Unidos, para, por fin, realizar una reflexión acerca de las aproximaciones y de los distanciamientos entre Kamala y Clark. Esa comparación nos permite reflexionar sobre las sociedades que construyeron esos mitos y sobre el papel de esos personajes en la contemporaneidad.

Palabras clave: Comics. Superman. *Ms. Marvel*. Mito. Superhéroes.

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| INTRODUÇÃO..... | 9 |
| SOB O CAPUZ DA ARTE SEQUENCIAL | 12 |
| POR QUE PRECISAMOS DO HOMEM DO AMANHÃ?..... | 19 |
| KAMALA KHAN, CLARK KENT E IDENTIDADE | 31 |
| CONCLUSÃO..... | 45 |
| REFERÊNCIAS | 47 |

Introdução

Desenvolvo a presente pesquisa através da comparação entre a construção da personagem herói em Superman/Clark Kent (SIEGEL; SHUSTER, 1938), considerado o primeiro super-herói, com representações da personagem heroína Ms. Marvel/Kamala Khan (WILSON; ALPHONA, 2014). O primeiro é um dos personagens mais populares dos quadrinhos, sendo um alienígena em meio às pessoas comuns, buscando proteger seu lar adotivo. A segunda, por sua vez, é uma super-heroína adolescente estadunidense de descendência paquistanesa que lida com as inseguranças comuns à sua idade ao mesmo tempo em que encara os conflitos culturais e ideológicos entre a tradição muçulmana e o mundo pós-smartphone, tão marcantes em seu contexto social.

As etapas desse estudo são pensadas de forma que haja uma progressão, considerando que:

No primeiro capítulo busco conceituar algumas características da HQ, a partir de reflexões teóricas de algumas importantes obras que tratam sobre a linguagem da narrativa gráfica: *Quadrinhos e arte sequencial* (EISNER, 1989) e *Desvendando os quadrinhos* (MCCLLOUD, 1995). Esses estudos subsidiam minhas leituras das obras ficcionais. Em sequência, para apresentar os super-heróis de quadrinhos - de Superman a outros que o sucedem - e assim orientar minhas reflexões, recorro a escritores como Humberto Eco (1984) e Grant Morrison (2012), que auxiliam em uma visão mais elaborada acerca da figura do super-herói. Finalizo o capítulo falando sobre o porquê dos super-heróis surgirem e se popularizarem nos quadrinhos, com base nos estudiosos já citados.

No capítulo seguinte, reflito sobre *Superman*, fazendo, inicialmente, uma apresentação da personagem e comparando sua visão sobre o ser humano com a que é estabelecida pelo super-homem de Nietzsche (2016). As obras pelas quais passo em minhas reflexões sobre o que o *Superman* representa são “Para o homem que tem tudo...” (2013) e *Reino do amanhã* (2012). Como abordo no capítulo, o personagem existe há 80 anos, portanto, tive que excluir muitos materiais que poderiam apresentar outras perspectivas interessantes a uma leitura sobre sua composição. Busco, então, perceber o que aproxima o chamado homem de aço de nós, homens e mulheres comuns.

O último capítulo contém minha leitura sobre a personagem *Ms. Marvel*, a partir de dois encadernados de histórias suas. O primeiro, *Nada Normal* (2015), reúne as histórias originalmente publicadas nas edições 1 a 5 de *Ms. Marvel*, enquanto o outro, *Últimos Dias* (2017) contém as edições 16 a 19 da revista. Outras edições, publicadas originalmente em outras revistas também compõem os encadernados, mas apontei somente as que li para a escrita do capítulo e que de alguma forma são relevantes para minha percepção das características da personagem. Em sequência, retorno a falar sobre *Superman* para realizar comparações, notando aproximações e distanciamentos entre o herói, concebido em 1938, com a heroína desenvolvida 76 anos depois.

Após apresentar a estrutura de meu trabalho, preciso afirmar que não tenho uma ligação tão nostálgica com as HQs, pois durante minha infância não tive o hábito de lê-las, apesar de ter crescido assistindo a desenhos animados que adaptavam algumas histórias dos quadrinhos. Na verdade, mantive certo distanciamento por um bom tempo porque não acreditava na potencialidade de uma linguagem narrativa que consiste em imagens estáticas expostas sequencialmente, e que necessita da habilidade do leitor para gerar qualquer cena. Eu relacionava a assistir a um filme sem trilha sonora e sem movimento algum, porém, após ingressar nas leituras e de me aprofundar, conseqüentemente, percebo que bons escritores são capazes de utilizar a narrativa do quadrinho para criar histórias intransponíveis a outras mídias, fazendo com que a arte sequencial seja tão capaz de produzir boa ficção quanto qualquer outro tipo de narrativa. Não há empecilhos que tornem os quadrinhos menos grandiosos do que qualquer outro tipo de arte, afinal, os gibis possuem seus próprios recursos únicos.

No curso de Letras, tive que desenvolver meus trabalhos sobre HQs através de brechas em momentos pontuais. Durante minha atuação no Programa de Educação Tutorial (PET) Letras, em meu estágio e na disciplina de Literatura Brasileira, pude realizar atividades que me auxiliaram a reconhecer a potencialidade da narrativa gráfica como um apaixonante objeto de estudo, aprofundando-me e buscando teóricos que auxiliariam minhas análises. No curso em si, noto que não há o tratamento do quadrinho como algo “da área”, visto que os livros teóricos que citei estão muito longe das prateleiras da biblioteca e do currículo das disciplinas. Ao mesmo tempo, as brechas por mim aproveitadas demonstram que as Letras, mesmo que de maneira lenta, estão se abrindo a novas perspectivas e não estão confinadas

no que já está estabelecido, como poderiam fazer considerando o quanto o curso é bem consolidado.

Concluo esta introdução dizendo qual é uma de minhas principais intenções ao escrever esta monografia. Diversos trabalhos acadêmicos sobre quadrinhos são escritos, nas mais variadas áreas e em diferentes graus de especialização, então por que em meu Trabalho de Conclusão de curso, especificamente, vi necessidade de apresentar a linguagem dos quadrinhos e o significado do super-herói? Ao mesmo tempo, vendo o quanto não posso me aprofundar, é visível que esses temas em alguns momentos não aparecem de maneira tão aprofundada quanto seria de meu gosto, considerando que vários livros podem ser escritos sobre esses tópicos. O que busco, então, é capturar o leitor que não está familiarizado com os gibis e mostrar que grandes histórias, capazes de provocar profundas reflexões, podem estar presentes nos quadrinhos, que por sua vez são instrumentos narrativos únicos.

Sob o capuz da arte sequencial



Scott McCloud

Como mencionado na introdução, neste capítulo organizo algumas das reflexões dos teóricos que norteiam minha análise, e optei por dividi-lo em tópicos sobre alguns objetos de estudo. Primeiramente, apresento características que podemos notar sobre Histórias em Quadrinhos a partir do pensamento dos teóricos; em seguida, há uma reflexão sobre o que é um super-herói; e finalmente, relaciono a mídia com os heróis, comentando sobre seu desenvolvimento em conjunto.

Mesmo que muitas pinturas de civilizações muito antigas possam ser consideradas antecessoras dos quadrinhos, as HQs mais próximas do que conhecemos surgem junto com a imprensa e ganham maior destaque próximo ao século XX, portanto, diferentemente de outras formas de narrativa e de arte em geral, os conceitos teóricos sobre a chamada nona arte são relativamente recentes. Não encontraremos nenhum filósofo grego ou pensador russo para auxiliar em uma conceituação de arte sequencial, e ainda não parece haver tal definição concreta sobre as HQs (assim como de qualquer outra expressão artística). Não há uma definição integral e fechada de narrativa e de arte, em minha percepção.

Logo no título de sua obra, *Quadrinhos e Arte Sequencial*, Will Eisner (1989) nos permite pensar em quadrinhos como “arte sequencial”. Scott McCloud (1995), anos depois, em seu quadrinho teórico *Desvendando os quadrinhos*, problematiza essa definição, tentando chegar a algo mais específico, próximo a um significado de dicionários, delimitando os gibis como “imagens pictóricas e outras justapostas e seqüência (sic) deliberada destinadas a transmitir e/ou a produzir uma resposta no

espectador”(p. 09). Essa constatação, mesmo longa, não nos permite discernir com clareza o que é uma HQ, afinal, exposições de séculos anteriores e até mesmo instruções de segurança em aviões se encaixam como tal. Ao mesmo tempo, excluimos a possibilidade de uma história com somente um quadro. Seria “o que é gibi?” uma nova pergunta ao estilo “o que é literatura?” ou “o que é arte?”?

Ao pensar de outra forma, podemos chegar a conclusões bem mais práticas. Se mudarmos a questão para “o que o gibi tem de único?”, podemos, junto com McCloud, responder: a sarjeta!



(MCCLLOUD, 1995, p. 66)

A sarjeta é o nome atribuído ao espaço entre um quadro e outro, e é nela que a ação ocorre, de maneira que o próprio leitor é capaz de unir os dois quadros em sua mente! Diferente de um romance, onde todas as imagens ocorrem visualmente de maneira exclusiva na imaginação de cada leitor, e do audiovisual, em que várias pessoas enxergam uma cena de forma mais concreta, os quadrinhos oferecem ao espectador imagens estáticas, que serão movimentadas e completadas por sua mente. A citação abaixo exemplifica muito bem o “efeito sarjeta”:



(MCCLLOUD, 1995, p. 68)

Nesse capítulo cheio de questionamentos, há mais perguntas e (não necessariamente) respostas importantes. Algumas delas são: “Por que existem super-heróis ficticiais?” ou até “por que esse conceito do super-herói foi desenvolvido na mídia dos quadrinhos?”. Tento respondê-las levando em consideração minha própria interpretação a partir de respostas dadas por pensadores com maior apelo ao *ethos* de Aristóteles.

É muito usual e lógico traçarmos um paralelo entre os super-heróis e os mitos e lendas que são comuns a diversas sociedades humanas. Seja através de um mito de criação, da explicação de fenômenos naturais ou como motivador moral para crianças e adultos, as lendas são algo extremamente presente em nossa história. Devemos pensar, inicialmente, sobre quais aspectos aproximam os super-heróis dos arquétipos presentes em lendas e mitos. Para isso, Umberto Eco (1984) aponta:

la “mitificación” como simbolización inconsciente, como identificación del objeto con una suma de finalidades no siempre racionalizables, como proyección en la imagen de tendencias, aspiraciones y temores, emergidos particularmente en un individuo, en una comunidad, en todo un período histórico.(p.249)

Pode-se, então, dizer que um mito está intrinsecamente ligado à sociedade em que foi criado. Mitos bíblicos e gregos parecem muitas vezes refletir acontecimentos contemporâneos porque nossa sociedade ocidental possui como base o pensamento e a moral gregos e cristãos. Uma relação que constantemente é estabelecida é a de que as tragédias continham lições para a sociedade grega, extremamente coletiva e moralmente complexa. O herói representava a sociedade, e é aí que o mito ganha forma.

Acima de tudo, ainda tendo como base a citação de Eco, o mito constitui-se da identificação e da representação, então, podemos transformar muitas outras coisas em mitos, desde que alguma pessoa passe a se sentir representada inconscientemente. Então, por que capas, máscaras e superpoderes são expressivos no ocidente atualmente? A resposta é complexa, e para chegar até ela é necessário ter um panorama da sociedade em que os super-heróis foram criados.

Em 1938, um momento em que os Estados Unidos da América enfrentavam uma grande crise, os judeus Jerry Siegel e Joe Shuster desenvolveram um personagem com claras inspirações de heróis como Hércules, trajando uma roupa colorida e que combatia as injustiças. *Superman* foi extremamente bem recebido e em pouco tempo, após um contrato que pode ser considerado bastante injusto, tornou-se propriedade intelectual da *National Comics* (futuramente DC), empresa que publicava suas histórias, deixando seus criadores em um longo período de esquecimento, sem direitos sobre o personagem. *Superman* foi desenvolvido por distintos quadrinistas ao longo de seus 80 anos de existência e mudanças consideráveis ocorreram nesse período.

O conceito de super-herói estava proposto na década de 30 e junto com ele um conceito essencial para compreendermos a identificação que cria o mito do *Superman*: Clark Kent, a identidade secreta.

[...] Clark era mais que a fantasia nerd definitiva; qualquer um podia identificar-se com ele. Nós todos já nos sentimos desajeitados ou incompreendidos, uma ou duas vezes, talvez mais, na vida. Assim como todo mundo suspeita da existência de um Superman interior – um eu angelical, perfeito que personifica apenas nossos melhores atos e ânimos -, há algo de Clark em todos nós. (MORRISON, 2012, p. 43)

A identidade secreta cumpre a função de “permitir” que qualquer um seja um super-herói disfarçado, com poderes para vencer os desafios. Por baixo dos óculos de cada um há um herói. Além disso, o mito do super-herói também é fortemente associado à esperança, e, como será mostrado nos capítulos em que apresento minha leitura sobre as personagens, durante todos os momentos difíceis para a sociedade, desde sua criação, os super-heróis cumprem esse papel de transmitir esperança.

No entanto, como Eco adverte, é importante frisar uma grande diferença entre o super-herói das HQs e os mitos de civilizações antigas. Tomando por exemplo as tragédias gregas, é facilmente constatável que elas eram sempre consumadas. O público, ao assistir a uma encenação de tragédia já sabia o fim da obra, pois era de

conhecimento geral, assim como a Bíblia não possui continuações, mantendo o mito concluído. *Superman* é fruto da cultura do gênero romance, em que o leitor deve ser surpreendido por aspectos da obra. Temos o início de sua jornada, mas até o momento não houve um fim definitivo e provavelmente nunca haverá, diferente de seus normalmente associados Hércules e Jesus Cristo, que mantêm seus mitos ainda imutáveis.

El personaje del mito encarna una ley, una exigencia universal, y debe ser en cierta medida previsible: no puede reservarnos sorpresas. Un personaje de novela debe ser, en cambio, un hombre como cualquiera de nosotros, y aquello que pueda sucederle debe ser tan imprevisible como lo que puede sucedernos a nosotros. (ECO, 1984, p. 262)

A estratégia de composição dos quadrinhos de super-herói situa-se, segundo os pensamentos de Umberto Eco, entre o mito e o romance. Utilizando outro exemplo de herói, pensemos no Homem-Aranha: Peter Parker é um jovem sem muito dinheiro, extremamente dedicado, com dificuldades de socialização, com uma vida amorosa difícil e com um patrão abusivo. Secretamente, ele age como um combatente do crime com poderes aracnídeos em Nova York. Esse é o mito que nunca se consome. Diversos acontecimentos e imprevistos podem ocorrer na vida do super-herói, mas ele sempre acaba voltando para seu status Quo.

El personaje mitológico de los comics se halla actualmente en esta singular situación: debe ser un arquetipo, la suma y compendio de determinadas aspiraciones colectivas, y por tanto debe inmovilizarse en una fijeza emblémica que lo haga fácilmente reconocible (y es lo que ocurre en la figura de Superman); pero por el hecho de ser comercializado en el ámbito de una producción "novelesca" por un público consumidor de "novelas", debe estar sometido a un desarrollo que es característico, como hemos indicado, del personaje de novela. (ECO, 1984, p. 262-263)

Algumas mudanças nos heróis são realizadas, ainda que em sua grande parte o mito seja mantido, mesmo que seja readequado de acordo com o passar do tempo. *Superman* (literalmente) não envelheceu um dia nesses 80 anos.

Retornando às questões que expus anteriormente, acho algo bem instigante de se notar como os super-heróis foram importantes para o desenvolvimento da narrativa gráfica e como as HQs foram o ambiente mais apropriado para se contar histórias de pessoas fantasiadas que combatem o crime. Indo diretamente ao assunto, é possível afirmar que o estilo de histórias contadas nos quadrinhos de herói ainda não possuía tantas estratégias e formatos narrativos. Os heróis são responsáveis por muitas criações na linguagem.

Os quadrinhos surgem com a imprensa, visando atrair o grande público e, com essa mesma força popular, o herói é desenvolvido. Muitos elementos dos quadrinhos tornaram-se característicos dos super-heróis, como as onomatopeias e as hachuras que indicavam movimento. Boa parte das sequências de ação em qualquer HQ contemporânea deve-se a artistas como Jack Kirby, que desenvolveu nos super-heróis desde a forma em que a sequência de quadros apresenta a ação até os elementos dentro de cada quadro, sendo tido como referência até hoje. Ao pensarmos no quanto as onomatopéias são características dos heróis, a própria série de TV do *Batman*, de 1966, estrelando Adam West, as levou para a tela, como um de seus principais diferenciais em relação a outros seriados populares.

Os quadrinhos de super-heróis podiam ser lidos a qualquer momento, tinham um custo consideravelmente baixo de produção e aquisição, com resultados mais satisfatórios do que outras mídias populares ao tentar desenvolver histórias envolvendo outros planetas, monstros e fantasias coloridas. Os super-heróis precisaram dos gibis. Atualmente o cenário é bem distinto e o cinema carrega o título de maior mídia de difusão de histórias com super-heróis, mas sempre é necessário lembrar a origem de tudo que é adaptado para as grandes telas. Assim como o cinema não matou a literatura, os quadrinhos continuarão existindo e coexistindo com outras linguagens artísticas.

O traço característico das décadas de 30 e 40 era bem simples, nos levando a uma reflexão que McCloud aborda:

O desenho animado é um **vácuo** pro qual nossa **identidade** e **consciência** são **atraídas**... Uma **concha vazia** que nós habitamos para viajar a um **outro reino**. Nós não só **observamos** o cartum. Nós passamos a **ser** ele. (1995, p. 36)

A aproximação do estilo de desenho com os desenhos animados facilitava ainda mais a associação dos leitores com as personagens, e, se estivessem em alguma mídia mais realista não podemos saber se acabariam se tornando mito, levando em conta a necessidade de identificação e inserção em diferentes meios sociais para a mitificação. Obviamente o estilo de desenho modificou-se e em alguns gibis ele é bastante realista, mas a concepção do herói ocorreu em um contexto lúdico e que usava a simplicidade a seu favor.

Retomando o que pudemos perceber até agora, conseguimos concluir que as HQs produzem uma narrativa única, através da chamada “sarjeta”, garantindo um dos

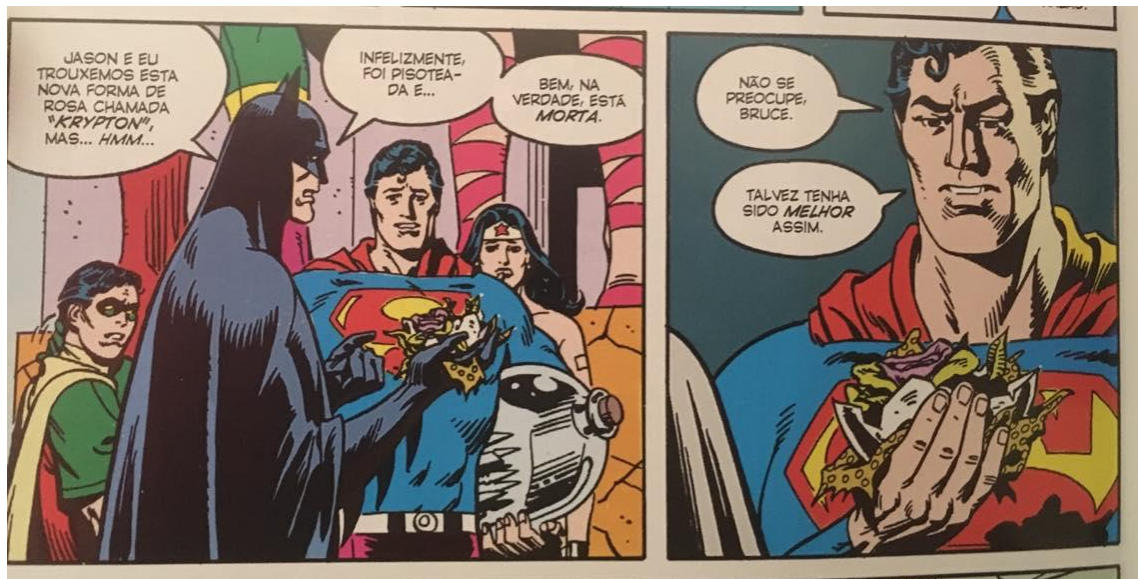
principais espaços para o leitor, não podendo, portanto, ser considerada somente a junção de imagem e texto. Por meio dessa mídia, surge o mito do *Superman*, fonte de inspiração para um verdadeiro panteão de lendas modernas que necessariamente juntam a estabilidade e a consumação do mito com as surpresas e mudanças características do romance. Boa parte da narrativa de ação nos quadrinhos ocidentais foi estabelecida pelos desenhistas de super-heróis, que criaram muitos dos recursos narrativos que são utilizados até hoje em diversos locais no mundo.

Em meu trabalho, como já dito anteriormente, desenvolvo a leitura de um gênero recente e não tão consolidado no campo de estudos, com o intuito de mostrar o quanto as HQs são também ricas esteticamente (e precisam ser levadas para estudos na academia e em sala de aula). Nos capítulos que seguem, tendo como base essa visão da profundidade da nona arte, mostro somente um pouco do que a narrativa sequencial tem a oferecer. Convido o leitor a buscar o restante. Essa será a sarjeta de minha monografia.



(MCCLLOUD, 1995, p. 23)

Por que precisamos do homem do amanhã?



Alan Moore e Dave Gibbons

Abordar com detalhes o personagem mais antigo da *DC Comics* em somente um capítulo é algo impossível, portanto, meu objetivo aqui é analisar com maior profundidade o que uma figura como o homem de aço pode simbolizar na contemporaneidade, além de fazer uma breve retomada de sua trajetória e de alguns traços de sua personalidade nos quadrinhos. Selecionei alguns momentos que auxiliam minha leitura sobre o personagem e descartei uma série de outros, e como principais materiais de estudo estão as histórias "Para o homem que tem tudo..." de Alan Moore e Dave Gibbons (2013), publicada no Brasil na coletânea *O que aconteceu ao homem de aço?* (2013) pela Panini Comics. A dupla que é responsável pela história publicaria no ano seguinte *Watchmen*, uma minissérie em quadrinhos que muda para sempre as histórias de herói. Também discorro sobre trechos *Grandes Astros Superman* (2012), escrita por Grant Morrison, o mesmo autor que embasa parte de minhas reflexões teóricas, e desenhada por Frank Quitely.

Provavelmente a maneira mais comum de se introduzir o Super-homem seja com uma apresentação nietzschiana, e, realmente, o conceito de um homem do amanhã que expõe a pequenez da humanidade é um ponto importante da obra do filósofo alemão, mas em muito o imaginário de Nietzsche se difere do de Siegel e Shuster, os criadores do homem de aço. De fato, podemos enxergar similaridades e extremas discordâncias entre *Übermensch* e *Superman*, e a divergência que mais

cabe para minha leitura é a visão sobre a humanidade. Nietzsche, através da personagem Zaratustra, questiona: “Que é o macaco para o homem? Uma ilusão ou uma dolorosa vergonha. Pois é o macaco que deve ser o homem para o super-homem: uma irrisão ou uma dolorosa vergonha.” (2016, p. 20). O *Übermensch* busca se distanciar cada vez mais dos humanos, enquanto *Superman* se disfarça de humano e se insere entre eles. O humano é admirado pelo Super-homem Krypto-americano.

Uma das leituras mais populares da visão que *Superman* possui sobre o ser humano vem de *Kill Bill* vol. 2, filme de Quentin Tarantino, em que o personagem antagonista Bill afirma que Clark Kent é a forma como *Superman* vê o homem. Fraco, covarde e frágil, sendo assim uma própria crítica ao homem comum, segundo a proposição da narrativa fílmica (2004). Discordo dessa leitura, pois vejo o disfarce do Kryptoniano como algo mais complexo do que uma crítica. Para mim, Kent é uma maneira de *Superman* tentar ser alguém comum, para que não necessite carregar o mundo nas costas 24 horas por dia. *Superman* admira Clark Kent e todos que se parecem com ele ao ponto de voluntariamente não viver sua vida na reclusão de sua fortaleza, mas entre pessoas comuns.

Ele se vestia como Clark Kent e aceitava todos os abusos do mundo para nos lembrar que, por baixo de nossa camisa, à espera, há sempre a conhecida labareda de cores, o raio estilizado, um coração em chamas. (MORRISON, 2012, p. 462)

Indo mais especificamente às origens da personagem, agora buscando interpretar diretamente a visão dos estadunidenses, é necessário compreendermos o contexto de sua criação.

[...]en una sociedad industrial en la que el hombre se convierte en un número dentro del ámbito de una organización que decide por él; en la que la fuerza individual, si no se ejerce en una actividad deportiva, queda humillada ante la fuerza de la máquina que actúa por y para el hombre, y determina incluso los movimientos de éste; en una sociedad de esta clase, el héroe positivo debe encarnar, además de todos los límites imaginables, las exigencias de potencia que el ciudadano vulgar alimenta y no puede satisfacer. (ECO, 1984, p. 258)

Superman surge, em 1938, como um herói do povo, que combate os poderosos e as injustiças, protegendo os oprimidos. Seus métodos eram bem distintos dos que conhecemos e não era tido como o defensor do “estilo de vida americano”. Essa caracterização nacionalista lhe foi atribuída no período de maior auge da Segunda Guerra Mundial. *Superman* deixava de ser o símbolo dos que estão sendo subjugados pelos políticos e pelo desrespeito e se tornava o guia moral dos Estados Unidos.

O Superman, que jogava os espancadores de esposa pela janela e ameaçava governantes eleitos – o reformista fora da lei de 1938 – de algum modo entrara num mundo bem diferente daquele em que para criado. Em 1941, a idéia do herói da classe operária e revolucionário já era tida como suspeita. Os valentões esculpidos a machado que tomavam a lei nas próprias mãos podiam ser revolucionários vira-casaca. Em tempos de guerra, patriotas eram heróis, e assim o herói supremo tornou-se um superpatriota. O homem de krypton agora é um Bom Americano, um leal e entusiasmado defensor do Status Quo. (MORRISON, 2012, p. 57)

O mito que não se consome, de acordo com suas atualizações, consiste em: Krypton, o planeta natal do herói, foi destruída por uma grande catástrofe natural, mas o cientista Jor-El, que havia previsto a possibilidade da tragédia, consegue enviar seu filho, Kal-El, em uma nave para um planeta onde acabaria se tornando um deus entre os habitantes, visto que teria habilidades impensáveis a outro ser vivo. Kal-El, o último filho de Krypton, é encontrado por um casal de fazendeiros que desejavam muito ter um filho, e assim é criado como Clark Kent entre os humanos. Quando passa a ter consciência do que é, começa a se entender e a cultivar sua cultura em sua Fortaleza da Solidão, agindo como o herói *Superman* e mantendo Clark Kent, agora um jornalista no *Planeta Diário*, como um disfarce.

É muito difícil encontrar definições para uma personagem que foi escrita por incontáveis roteiristas e delineada por artistas de traços muito distintos, e, retomando o que eu havia dito no capítulo anterior, Superman não envelheceu ao longo dos anos, mas para isso, precisou mudar muito. Assim como no contexto da Segunda Guerra Mundial, ele virou patriota, sua própria evolução como personagem o deixou com mais camadas. Nesse sentido cabe destacar “Para o homem que tem tudo...”, escrita em 1985 por Alan Moore, escritor com um histórico carregado de clássicos da nona arte e que, mesmo que as renegue, escreveu histórias de super-herói com grandes desconstruções de personagens há muito estabelecidos. Nessa obra, podemos enxergar o quão humano é o homem do amanhã ao mesmo tempo em que é explorado o quão deslocado ele se sente entre os terráqueos. Algo que já era um tema mencionado por outros escritores, mas nunca desenvolvido da forma que Moore fez.

No aniversário do homem de aço, *Batman* (Bruce Wayne), *Robin* (Jason Todd) e Mulher-Maravilha (Princesa Diana) vão à Fortaleza da Solidão, esconderijo do *Superman*, para parabenizá-lo e entregar-lhe presentes. Bruce, o humano acompanhado de seu parceiro mirim, reclama da dificuldade de escolher um presente para o último filho de Krypton (que como o título da história assume, tem tudo). Ao encontrarem o aniversariante:



(MOORE; GIBBONS, 2013, p.92).

Superman está com uma planta alucinógena, entregue como presente e que na verdade era uma armadilha do vilão Mongul. A planta, chamada de “Clemência Negra”, permite que a pessoa viva seu maior sonho enquanto se alimenta da “bioaura” da vítima. Podemos observar muitos simbolismos nesse trecho. No quadro citado anteriormente podemos ressaltar o espanto de Jason ao ver alguém que ele julgava invencível em uma situação extremamente vulnerável, enquanto Diana aponta o fato da planta crescer dentro do peito dele, atravessando o traje.

Podemos traçar paralelos entre a “Clemência” e traumas psicológicos, que se alimentam de nossas frustrações enquanto cedemos nossa vitalidade. O fato de a planta atravessar o traje também nos permite realizar a leitura de que está sobrepondo o “*Superman*” e se aproximando de “Kal-El”, o mais íntimo de seu ser. Clark Kent é o disfarce de *Superman*, que por sua vez é o disfarce de Kal-El. E qual, afinal, seria o desejo do homem que é adorado e que possui poderes capazes de realizar feitos inacreditáveis? Kal-El sonhava em viver em Krypton, com uma esposa e dois filhos. Seu maior desejo era que seu planeta natal não houvesse explodido e que ele fosse alguém que não precisa carregar o fardo de seus poderes. O herói sorridente era infeliz.

Em sua alucinação, onde vive tudo que sonhou, o homem de aço também nota as consequências da permanência de Krypton: seu pai caiu em descrédito entre os cientistas, tornando-se uma pessoa obcecada e com pouco contato com seus familiares, participando de um movimento chamado “Velho Krypton”, que é contrário a imigrações e que defende o rígido sistema de punições para criminosos no planeta. Qualquer semelhança com movimentos reais não é coincidência.



(MOORE;

GIBBONS, 2013, p. 104).

Alguns eventos relacionados a isso auxiliam para que *Superman* perceba o quão errado parece que é seu planeta continuar existindo, até que em um momento de extrema confusão, quando se afasta com seu filho, ele percebe que está vivendo em uma ilusão.



(MOORE;

GIBBONS, 2013, p. 109)



(MOORE;

GIBBONS, 2013, p. 109)



(Moore; GIBBONS, 2013, p. 110)

O impacto dessa cena é uma grande amostra da potencialidade dos quadrinhos. Desde a utilização do vermelho no requadro para diferenciar as imagens que se passam dentro do mundo ilusório até a utilização de quadros pequenos na última citação para acelerar o processo de leitura, transmitindo a sensação de ausência de tempo que os personagens também passam a sentir. A espécie de chuva

que se torna cada vez mais densa, assemelhando-se a um vendaval, representa *Superman* saindo de seu mundo ilusório. Devemos ressaltar que “o homem que tem tudo” nem ao menos teve o direito de abraçar seu filho e de se despedir do mundo que desejava habitar.

A ideia de pôr as responsabilidades acima de sua vida pessoal não é novidade dentro das narrativas de super-heróis, sendo até mesmo o maior guia moral de personagens como o Homem-Aranha: “Com grandes poderes vêm grandes responsabilidades”¹. *Superman*, porém, sempre foi visto como alguém que superava os dramas comuns a todos nós, que representava força e esperança, então é chocante notarmos que ele **de fato** enxerga sua vida na Terra como um pesado fardo e que seu senso de dever o faz abdicar da vida (ilusória) que sonhou ter, sendo alguém que não se destaca em seu povo, para proteger outra espécie, à qual não consegue pertencer integralmente. Voltando ao que eu havia mencionado no início do capítulo, por isso vejo a admiração de *Superman* por Clark. *Superman* deseja ser alguém que possui as virtudes pouco valorizadas de seu disfarce humano. Clark não é fraco e frágil, pois aguenta ser rejeitado pela mulher que ama, ser desrespeitado por outras pessoas e ser completamente desastrado, e mesmo assim não deixa de ser honesto, dedicado e sensível. Clark Kent é um elogio do homem de aço às virtudes humanas. É um elogio ao nosso “Sísifo”².

Retornando à narrativa de Moore e Gibson, após sair do mundo de ilusão, há uma grande cena de ação entre *Superman* e Mongul, o responsável por fazer o homem de aço obter e perder a vida de seus sonhos. Enquanto o combate está ocorrendo, Robin interrompe os dois colocando a “Clemência Negra” no peito do vilão, deixando-o em seu próprio mundo ilusório. O mito do homem que tem tudo se desfaz aos olhos do leitor, pois podemos ver o quanto custa esse “tudo”.

Acredito que seja importante falarmos do completo oposto de Clark Kent, que vê *Superman* como alguém invejavelmente glorioso: Lex Luthor, possivelmente o vilão mais popular das histórias do homem de aço, e que é um de seus mais recorrentes antagonistas. Luthor, assim como *Superman*, possui caracterizações muito variadas, indo desde um cientista louco até um magnata milionário, mas sua personalidade mantém alguns padrões: é invejoso, ambicioso e enxerga o herói como aquele que

¹ Publicado em *Amazing Fantasy* 15, em 1962, por Stan Lee e Steve Ditko

² Personagem da mitologia grega que foi sentenciado pelos deuses, por sua suposta arrogância, a rolar uma pedra em uma montanha. Sempre que se aproximava do topo, retornava ao ponto de partida.

facilmente tem tudo. Para analisar o antagonista, usarei trechos da minissérie *Grandes astros Superman*, de Grant Morrison e Frank Quitely (2012). Primeiramente, como já havia mencionado, gostaria de comparar, com base nessa obra, Luthor e Kent:



(MORRISON; QUITELY, 2012, p. 124)

Nesse trecho podemos ver a relação de superioridade que o vilão gosta de estabelecer. Ele, que se enxerga como alguém próximo ao ápice da espécie humana, aprova a presença de alguém “pequeno” como Clark Kent, enquanto odeia *Superman*, que o lembra do quão pequeno ele mesmo é. Ironicamente, Luthor nem imagina que os dois são a mesma pessoa.

Partindo para um aspecto relacionado, um dos maiores motivos do desprezo que Luthor sente pelo kryptoniano deve-se ao fato deste não ser humano. Todos os esforços para alcançá-lo não seriam o suficiente e um homem com tamanha ambição vê essa situação como uma afronta aos terráqueos. Ele acredita que a humanidade deve depender somente dos humanos e não de algo que a supera.



(MORRISON; QUITELY, 2012, p. 112)

Podemos ler Lex Luthor como alguém que não permite que um imigrante tenha um sucesso maior em seu território. Creio que ele acredita nas linhas imaginárias das fronteiras como verdadeiras caixas e que cada povo deve ser autossuficiente. Luthor, de acordo com minha visão, não quer ter as responsabilidades e o peso que *Superman* carrega, mas quer a glória que o cerca, pois o vê como aquele que tem tudo. Em outro momento de *Grandes Astros Superman*, o herói mostra a Lois Lane, seu par romântico, a chave que utiliza para adentrar na Fortaleza da Solidão, gerando uma cena de grande significado.



(MORRISON; QUITELY, 2012, p. 37)

Aqui, mais uma vez podemos ver a solidão, muito maior do que a idealizada glória que seu antagonista enxerga, e que, mesmo que outro tente carregar tal solidão, somente o homem do amanhã pode erguê-la. *Superman* é um personagem trágico, fadado à solidão, mas o que podemos aprender com ele é que podemos tentar ultrapassar a solidão que nos é imposta. Clark Kent é a prova disso. Lois Lane e os amigos Lana Lang, Jimmy Olsen e até mesmo *Batman*, que é humano, são a prova disso. Os coadjuvantes são parte importante da trajetória do homem de aço, enquanto personagem.

Em 2016, Peter Tomasi assume os roteiros da revista de *Superman* e passa a desenvolver uma dinâmica bem peculiar com o herói. Agora, ele e Lois Lane possuem um filho, Jonathan (nome do pai adotivo de Clark), e as histórias giram em torno da dinâmica da família em meio aos diversos ataques de inimigos que os cercam. Com o tempo a fórmula fica um pouco repetitiva, com Jonathan servindo quase sempre como alguém a ser resgatado, mas há alguns momentos brilhantes e o relacionamento entre a família é o ponto central do gibi.

Sabemos que essas mudanças no personagem podem ser a qualquer momento desfeitas e que não há nenhum tipo de proximidade com o fim do personagem, mas se relacionarmos com “Para o homem que tem tudo...” podemos entender o grande desenvolvimento de personalidade que é construído. *Superman* deixa de lado a ideia de viver entre os seus com uma família comum e aceita que vive na Terra, construindo sua família nada convencional nela. O homem do amanhã não recebe essa denominação somente por ser uma inspiração aos humanos, mas por olhar para o futuro, construindo-o de acordo com seus sonhos em vez de viver da ilusão do passado e do que poderia ter acontecido.

Precisamos do homem do amanhã, respondendo à pergunta no título do capítulo, não para contar histórias de alienígenas e capas, mas para conhecermos o próprio ser humano, todas as suas virtudes e suas imperfeições, admirando-as e seguindo em frente. Nós somos Clark Kent e *Superman*.



(TOMASI; GLEASON, 2017,

Kamala Khan, Clark Kent e identidade



Mark Waid e Alex Ross

Se continuarmos debatendo sobre um ponto abordado anteriormente, podemos notar que a identidade secreta pode servir para um debate bem mais pertinente: uma crise identitária. No capítulo 2, observamos a existência de Clark Kent, *Superman* e Kal-El, três partes de um personagem que vive em uma mescla de identidades. Este capítulo trata sobre a construção da identidade de *Ms. Marvel* (Kamala Khan) e a compara com a de *Superman*, para que possamos ver as diferenças e aproximações entre um personagem criado há oito décadas e uma criada há quatro anos. Vale ressaltar que cada um é publicado nos Estados Unidos por uma editora diferente: *Superman* pela *DC Comics* e *Ms. Marvel* pela *Marvel Comics*.

Nesta etapa da monografia, inicialmente apresento a personagem Kamala Khan e como ela se desenvolve enquanto super-heroína. Analiso, com esse intuito, trechos dos encadernados *Ms. Marvel: Nada Normal* (WILSON; ALPHONA, 2015) e *Ms. Marvel: Últimos dias* (WILSON; ALPHONA, 2017). A personagem é estadunidense e muçulmana, com pais paquistaneses, e, por consequência, acaba trazendo consigo diversos conflitos em relação a aceitação e identidade. Tais aspectos da construção da personagem permitem com que eu desenvolva, em seguida, uma retrospectiva do papel dos imigrantes nos quadrinhos norte-americanos, utilizando a obra autobiográfica de Will Eisner, *Ao coração da Tempestade* (2010), para ampliar nossa noção sobre a vida dos judeus entre as décadas de 1920 e 1930

nos Estados Unidos. Para finalizar o capítulo faço uma comparação entre *Superman* e *Ms. Marvel*, e reflito sobre o que ambos simbolizam na contemporaneidade.

Na última década, a editora *Marvel Comics* acabou renovando alguns de seus heróis, de maneira que novos personagens passassem a adotar as identidades heróicas de personagens clássicos dos quadrinhos da editora. O resultado foi um panteão, que antes era formado em sua maioria por homens brancos, agora muito mais plural e similar ao mundo globalizado, ampliando com essa estratégia que busca a renovação de leitores, a capacidade de identificação entre o público e obra. Entre os personagens de maior destaque na iniciativa está Kamala Khan, que herdou o nome *Ms. Marvel* da heroína Carol Danvers³, que por sua vez tornou-se Capitã *Marvel*. Kamala é uma adolescente com problemas que muitos que encontram-se nessa etapa de crescimento poderia se identificar, associados também a conflitos culturais pertinentes em tempos onde a polarização e a vilanização de outras culturas persistem em existir. Acima de tudo, Kamala é a primeira personagem muçulmana a protagonizar um título na *Marvel Comics*, e é escrita por G. Willow Wilson, uma escritora mulher, muçulmana e estadunidense.

Resumidamente, a história de origem da personagem é simples: a jovem foge de casa para participar de uma festa com colegas de sua escola. Seus pais a haviam proibido de sair, pois o ambiente em questão não condiz com a tradição de sua família, já que haveria “contato físico” entre homens e mulheres que não são casados e haveria consumo de bebidas alcoólicas. Kamala, cansada de se sentir diferente, acaba descumprindo a ordem de seus pais, e durante a festa uma névoa misteriosa acaba causando alucinações à personagem, que desenvolve seus poderes após o contato com a fumaça.

É comum percebermos os poderes em um herói adolescente como uma metáfora para todas as mudanças que ocorrem nesse momento da vida, incluindo descobertas e responsabilidades, mas em relação à Kamala, essas habilidades dão um passo adiante. Como *Ms. Marvel*, seu poder é o de modificação corporal, podendo mudar sua aparência, seu tamanho e tudo que envolva seu corpo. Isso a torna uma personagem com mais camadas, pois vemos nela os conflitos relacionados aos estereótipos de beleza e de normalidade, esperados para uma jovem. O próprio título

³ Personagem criada por Roy Thomas e Gene Colan em 1968.

de seu primeiro encadernado, *Nada normal*, nos mostra o que a personagem buscava ser: “normal”.



(WILSON; ALPHONA,

2015, p. 09)

Na citação podemos perceber a visão que os outros possuem dos costumes muçulmanos e, conhecendo a realidade da autora, podemos imaginar o quão pautados em sua vida podem ser esses momentos da HQ. Nela, Zoe, a menina loira, parece utilizar a ironia para de forma preconceituosa humilhar Kamala e Nakia, sua amiga. Após a protagonista ir à festa e a névoa a envolver, ela tem uma alucinação em que os heróis Capitão América, Homem de Ferro e Capitã Marvel (a antiga *Ms. Marvel*) a aconselham e dão o suporte que ela parece precisar. Afinal de contas, uma das dúvidas mais comuns aos jovens é “o que quero ser” e, naquele momento, Kamala estava em um conflito envolvendo essa questão.



(WILSON; ALPHONA, 2015, p.23)



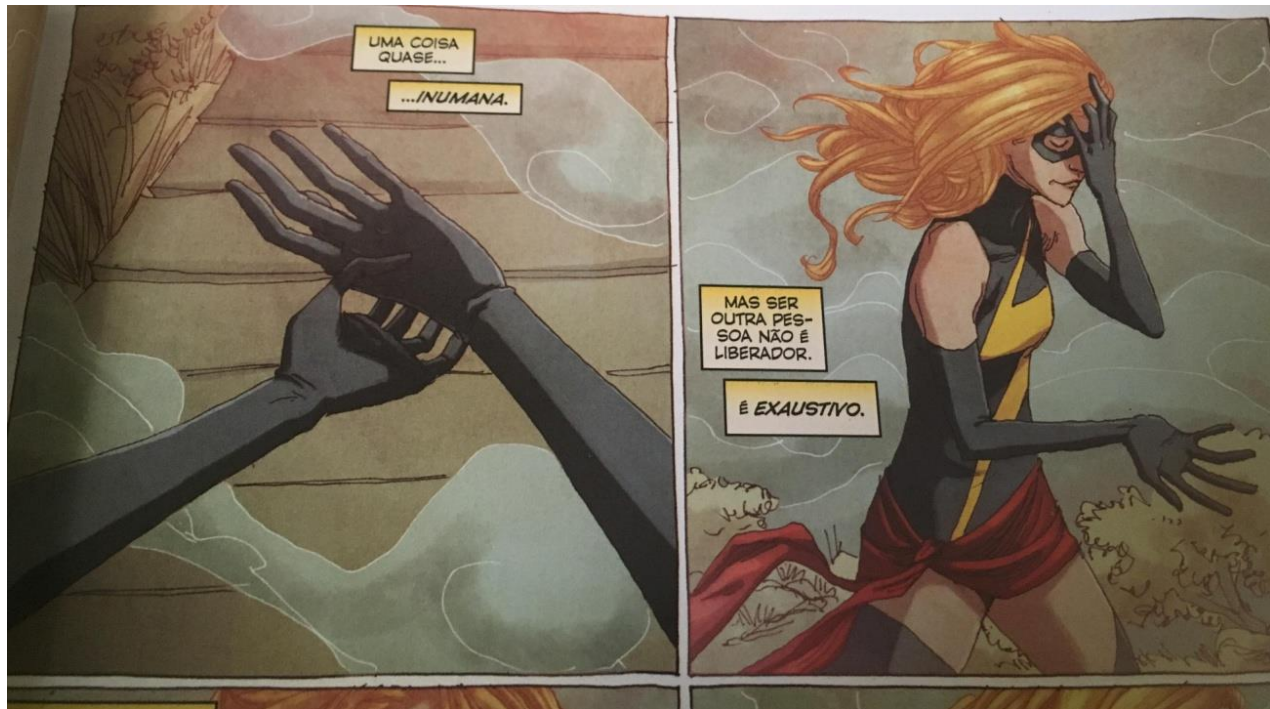
(WILSON; ALPHONA, 2015, p. 24)



(WILSON; ALPHONA, 2015, p.

26)

Podemos retomar a idealização presente em “Para o homem que tem tudo...”, abordado no capítulo anterior, e refletir sobre a idealização que Kamala possui sobre a antiga *Ms. Marvel*, Carol Danvers, que parecia ser o mais próximo de uma pessoa admirável e que sempre seria aceita pelos outros. Conforme a história se desenvolve, a nova *Ms. Marvel* passa a perceber o quão difícil é atender às expectativas de ser outra pessoa, ao mesmo tempo em que passa a construir sua própria identidade, assimilando o que as múltiplas culturas com as quais convive lhe proporcionam e amadurecendo enquanto personagem. Carol Danvers foi criada em uma época onde os quadrinhos de super-heróis visavam o público masculino, por isso a personagem seguia um padrão de beleza de forma tão explícita, utilizando um traje que delineava seu corpo. Kamala nasce em um momento no qual a indústria busca estar associada à desconstrução sócio-cultural contemporânea, incentivando que qualquer adolescente que carregue inseguranças (todos!) se identifique com a personagem que se constrói entre “dois mundos”. Estamos, afinal, envolvidos com diversos estímulos culturais e nos situamos no meio desse furacão adolescente de contradições.



(WILSON; ALPHONA, 2015, p. 41)



(WILSON; ALPHONA, 2015, p. 103)

Ao mesmo tempo, a personagem passa a desenvolver uma relação renovada e reforçada com seus pais quando passa a compreender as diferenças entre a realidade em que eles cresceram e a que ela vive. Ao perceber que não ser o que os outros esperam não é um erro, Kamala começa a descobrir suas próprias qualidades.

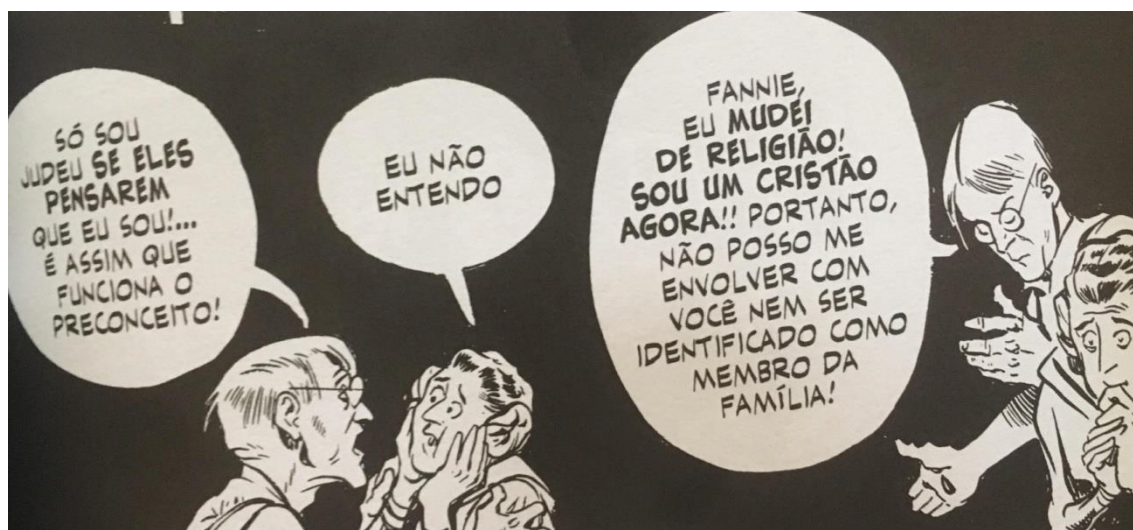
Como havia mencionado no início do capítulo, isso nos permite refletir sobre qual é a relação do imigrante com os quadrinhos de super-heróis estadunidenses. Mesmo que personagens como o já mencionado *Superman*, além do Capitão América e da Mulher-Maravilha, carregassem as cores da bandeira dos Estados Unidos em seus uniformes, muitos dos maiores criadores estadunidenses de quadrinhos são judeus, filhos de imigrantes. O conflito cultural de Kamala, que nos parece tão atual, na verdade é tão pertinente hoje quanto era nas décadas de 1920, 1930 e 1940, em períodos onde as batalhas entre nações obrigaram famílias inteiras a mudarem de

país para sobreviverem. Jerry Siegel e Joe Shuster, criadores do *Superman*, eram judeus, filhos de imigrantes, assim como Jack Kirby e Joe Simon, criadores do Capitão América. Podemos imaginar o quão carregadas de medos e de esperanças eram as páginas das histórias em que o Capitão América⁴ combatia nazistas, assim como podemos ver o quanto do conflito cultural se fazia presente na concepção do *Superman*.

Neste momento, recorro ao quadrinho *Ao coração da tempestade*, de Will Eisner, como fonte, ainda que ficcionalizada, para uma contextualização da situação dos judeus que viviam nos Estados Unidos na primeira metade do século XX. Acredito que a partir de obras como essa, podemos, infelizmente, afirmar que um século é pouco tempo para conseguirmos eliminar preconceitos, afinal, é uma HQ atual, mesmo que relate acontecimentos distantes a nós. Destaco dois momentos da obra que representam as dificuldades sofridas pelos judeus naquele período.



⁴ Herói criado em 1941. Um soldado que possui um soro que lhe concede capacidades sobre-humanas.



(EISNER, 2010, p. 67)

Na citação acima, podemos notar a clara segregação religiosa que ocorria no início do século passado. Na HQ, neste momento a mãe de Will, o protagonista, conta sobre o que aconteceu com seus irmãos e como o contato entre alguns deles deixou de existir. Dentro da história contada pela mãe de Will, há um momento em que ela pede auxílio a seu irmão Irving, que opta por manter os privilégios de um cristão a voltar a ser alvo da discriminação e perder os direitos que obtivera.



(EISNER, 2010, p. 148)

Novamente, é mostrado mais sobre a situação de segregação vivida pelos judeus que viviam nos Estados Unidos, quando a tia de Will muda de religião para poder casar com alguém bem sucedido. Podemos notar claramente o tom de superioridade na fala de Frank, o pretendente, tanto quando afirma que “não se pode mudar as listras de uma zebra”, referindo-se a diferenças naturais entre judeus e outros povos, quanto ao afirmar que Will e sua família eram do “tipo bom de judeus”, como se fossem diferentes da maioria.

Fiz esse recorte da obra para entrar em uma questão que é invisibilizada: **o arquétipo dos super-heróis foi criado por minorias**. Quando pensamos na ideia de alguém que defende os oprimidos e que é tão humano quanto qualquer um de nós, não podemos nos esquecer que o próprio conceito do super-herói está relacionado com a valorização e a esperança direcionadas às minorias e a qualquer um que seja desfavorecido na sociedade.

Isso nos leva à etapa final deste capítulo, onde refletimos sobre o que mudou desde a concepção do *Superman*, em 1938, até o desenvolvimento da *Ms. Marvel*, em 2014. Primeiramente podemos notar a diferença na aparência dos personagens.

Superman encarna as projeções de masculinidade, sobriedade e proporciona uma visão extremamente positiva sobre o que podemos nos tornar, enquanto Kamala conclui que corresponder às projeções e idealizações dos outros pode ser prejudicial e, por isso, acaba aceitando suas fragilidades como parte de sua construção como sujeito. No encadernado chamado *Últimos Dias*, Carol Danvers conhece Kamala, e podemos ver o quanto a jovem personagem cresceu durante sua trajetória. Ao ver a naturalidade com que Kamala lida com seus poderes, Carol pergunta sobre como aprendeu a aceitá-los e desenvolvê-los. A resposta é:



(WILSON; ALPHONA, 2017, p.39)

Ms. Marvel, nesse ponto, é uma atualização histórica de *Superman* e consegue um feito que ele almeja, mas jamais obterá: ela é comum. Enquanto Clark é um disfarce, Kamala é uma pessoa que lida com todas as frustrações que *Superman* gostaria de ter. Ela não está deslocada entre todos nós, mas é alguém que possibilita forte identificação entre potencial leitor e personagem. Ser humano é uma tarefa para o homem de aço, enquanto Kamala o faz com naturalidade. Quando eu afirmo que todos nós somos *Superman*, também somos *Ms. Marvel*.

Como um grande elemento de aproximação está algo que já abordamos com frequência neste capítulo. Tanto *Ms. Marvel* quanto *Superman* são imigrantes e a sensação de deslocamento e de não pertencimento são crises que em determinado momento assolaram ambos. E nos dois casos os personagens aprenderam a viver com o diferente e ampliaram sua visão cultural, aceitando o pertencimento a mais de uma cultura.

Na história chamada *Reino do Amanhã* (2013), *Superman* se afastou dos humanos e deixou de adotar o nome Clark, pois viu que o mundo já não aceitava mais

seus métodos, por julgá-los ineficientes, preferindo punições mais severas aos que causassem males à sociedade. O único que chama *Superman* de Clark é Norman McCay, o foco narrativo da obra, que é um homem comum, reverendo em uma igreja.



(WAID; ROSS, 2013, p. 197)

Esse trecho nos mostra qual era a principal qualidade de *Superman* e como ela foi perdida ao se afastar dos humanos. *Superman* só existia e só era alguém enquanto andava entre os humanos, presenciando suas dificuldades, seus desafios e limitações enquanto caminhavam juntos em busca de um mundo mais justo. Podemos traçar um paralelo com as pessoas que devem legislar para o povo, mas se afastam dele quando surge oportunidade. Quando nos afastamos dos outros, acabamos não tendo noção das distintas realidades e de como poderíamos conviver. *Superman* e *Ms. Marvel* nos mostram a importância da aceitação humana e da compreensão da pluralidade cultural, das contradições e divergências que envolvem as sociedades na contemporaneidade, pois somente poderemos compreender o outro se andarmos ao lado dele.

Morrison afirma que:

Ao final da primeira década do século XXI, a indústria do entretenimento estava cada vez mais democratizada, o conceito renascentista de gênio fora expandido para incluir todo mundo, e a ideia da estrela fora solapada pelos reality shows. Era inevitável que os super-heróis viessem a sofrer a mesma coisa. De repente eles eram novamente reais, gente comum como todos nós. Os super-heróis dos quadrinhos que haviam começado a década como soldados e celebridades VIPS, chegaram ao fim dela como gente do dia a dia vestindo as cores de seus sonhos para enfrentar tudo que é mundano.(2014, p. 452)

Podemos, então, concluir que a *Ms. Marvel* do século XXI é um resgate dos ideais de representatividade do *Superman* de 1938, ampliando e atualizando os dilemas de um personagem imigrante ao mesmo tempo em que ambos nos colocam nos dilemas comuns a todos nós. Em uma citação presente no capítulo anterior, é tratado sobre o *Superman* utilizar um raio estilizado no peito, interpretado dubiamente como um “S”, nos lembrando que cada um de nós carrega o mesmo raio. Kamala carrega a função de resgatar esse mesmo raio e mantê-lo vivo, como uma representação da perfeição que habita cada ser humano em construção e desconstrução constantes.



(WILSON; ALPHONA, 2015, p. 50)

Conclusão

Sinto como se tivesse feito uma longa viagem ao escrever esse trabalho. Espero que, como leitor, você tenha acompanhado e aproveitado cada reflexão, e encontrado espaço para construir suas próprias ideias na sarjeta dessa monografia. Como mencionei na introdução, busco escrever um texto que tanto leitores como não leitores de quadrinhos possam participar e procuro fazer com que os olhos de acadêmicos passem a se voltar também para a nona arte. Se consegui despertar seu interesse em relação à arte sequencial, considero que obtive grande sucesso.

Dentro do primeiro capítulo, ao apresentar algumas características da narrativa gráfica, pudemos notar que o que essa arte possui de exclusiva é a sarjeta: o espaço preenchido pela visão do leitor, que permite a movimentação dos quadros estáticos. Através desse meio, o arquétipo do super-herói, que utiliza aspectos originados do mito e do romance, é construído e atualizado, ao longo desses 80 anos. Podemos considerar o super-herói um mito contemporâneo através das próprias leituras com relações históricas, sociais e culturais que foram realizadas, afinal, como vimos, o mito é criado a partir da identificação, e esses personagens refletem diversos ideais e questionamentos que, enquanto sociedade, nos são relevantes.

Em sequência, no capítulo 2, pude me aprofundar um pouco mais e acredito que puderam ser visualizadas algumas grandes frustrações de *Superman*. Ao concluir a leitura do texto, é possível perceber que um senso de responsabilidade e uma profunda insatisfação imperam no personagem, que não possui a capacidade de ser abrir a outros e explorar suas próprias frustrações. Ao mesmo tempo, ao relacionarmos “Para o homem que tem tudo...”, história basilar para minhas reflexões, com a fase do herói escrita por Peter Tomasi, podemos perceber que o personagem não permanece olhando para trás, construindo sua própria vida em seu planeta adotivo e buscando encontrar e gerar satisfação e felicidade mantendo as responsabilidades de sustentar o peso do mundo, e mantendo também sua relação com a solidão.

No último capítulo, por sua vez, apresentei minha leitura sobre a jovem Kamala Khan, criada há 4 anos para assumir o manto de *Ms. Marvel*. Pudemos notar sua relação com o amadurecimento característico a alguém de sua idade, e ainda vimos sua relação conflituosa com a tradição pregada por sua família e a quebra de tradições, que os colegas de Kamala pareciam lhe cobrar. As reflexões sobre a

personagem deram abertura para que fosse tratada a importância dos imigrantes e seu papel na construção de alguns dos primeiros super-heróis, incluindo o próprio *Superman*. Isso nos permite relacionar diretamente o homem de aço com a jovem muçulmana, podendo até perceber a nova *Ms. Marvel* como uma revisão do arquétipo proposto por Jerry Siegel e Joe Shuster em 1938. Kamala é um mito adolescente contemporâneo e *Superman* é um mito voltado aos oprimidos no século XX. Ambos se relacionam com a imigração e buscam ressaltar os valores que os humanos possuem.

Após a exposição dessas representações, posso concluir o trabalho com uma afirmação que percorre todo o corpo do meu texto: os poderes dos heróis são metáforas para uma visão de que todos nós possuímos grandes capacidades. Os ideais de esperança, dedicação, aceitação e justiça são algumas das estruturas que sustentam as histórias de super-herói e, ainda que abaladas em alguns períodos, estão presentes sempre que pensamos sobre eles. Ao olharmos o quão divinos são essas caracterizações podemos nos reerguer e imaginar as potencialidades que podem habitar em todo ser humano. Afirmações aparentemente inocentes, mas é dessa inocência que o mito do super-herói se alimenta e é dela que muitas vezes necessitamos em momentos de desamparo. Mesmo não tendo superforça ou a capacidade de alterarmos nosso corpo de acordo com nossa própria vontade, necessitamos de nossos poderes para viver e conviver, para enfrentar nossas rotinas, e para caminharmos em direção a um mundo mais justo.

REFERÊNCIAS

- ECO, Umberto. **Apocalípticos e integrados**. Espanha: Editorial Lumen, 1984. 403p.
- EISNER, Will. **Ao coração da tempestade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. 218p.
- _____. **Quadrinhos e Arte Sequencial**. São Paulo: Martins Fontes, 1989. 157p.
- MCCLOUD, Scott. **Desvendando os quadrinhos**. São Paulo: Makron Books, 1995. 217p.
- MOORE, Alan; GIBBONS, Dave. Para o homem que tem tudo... In: MOORE, Alan. **Superman: O que aconteceu ao homem de aço?**. Barueri, Sp: Panini Books, 2013. p. 87-128.
- MORRISON, Grant; QUITELY, Frank. **Grandes Astros Superman**. Barueri, Sp: Panini Books, 2012. 310 p.
- MORRISON, Grant. **Superdeuses**. São Paulo: Seoman, 2012. 498p.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falava Zaratustra**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016. 348p.
- TOMASI, Peter; GLEASON, Patrick. **Superman Renascimento 2**. Barueri, Sp: Panini Comics, 2017. 52p.
- WAID, Mark; ROSS, Alex. **Reino do Amanhã**. Barueri, Sp: Panini Books, 2013. 342p.
- WILSON, G.; ALPHONA, Adrian. **Ms. Marvel: Nada Normal**. Barueri, Sp: Panini Comics, 2015.134p.
- _____. **Ms. Marvel: Últimos Dias**. Barueri, Sp: Panini Comics, 2017.124p.